

O ENSINO DA EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO PELA BAÍA DE GUANABARA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Beatriz Carvalho Torres

Graduanda curso de Geografia da Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

beatriztorres9610@gmail.com

Thais Alves da Graça Lino

Graduanda curso de Geografia da Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

thais.lino6@gmail.com

Jessyca dos Santos Araújo

Graduanda curso de Geografia da Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

jessycasantosgeo@gmail.com

RESUMO:

Este artigo busca analisar o constante crescimento da cidade do Rio de Janeiro e dos municípios de seu entorno, tendo como plano de fundo a Baía de Guanabara como um fator de desenvolvimento de atividades econômicas, sociais e ambientais que estão diretamente associadas com os portos, visto sua importância histórica, econômica e de transformação espacial local. Desta maneira, busca-se ressaltar as mudanças na paisagem da geomorfologia da Baía o que gerou novas reorganizações espaciais presentes no espaço. Destarte, o trabalho objetiva analisar com os alunos a evolução da cidade do Rio de Janeiro a partir dos diferentes usos da Baía de Guanabara, através de uma atividade desenvolvida com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Lauro Corrêa e CIEP 439 - Luiz Gonzaga Júnior no município de São Gonçalo. Utilizou-se da metodologia qualitativa a fim de trabalhar com as experiências dos alunos, para uma construção conjunta do conhecimento, e como resultado evidenciou-se no aluno um olhar crítico para o seu entorno, e uma análise conjunta e integrada no estudo urbano.

Palavras-chave: Cidade, Baía de Guanabara, Ensino de Geografia.

GT – “17”: “Geografia e Apropriação Urbana: Ensino de Cidade e das Comunidades Tradicionais”

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia nos possibilita desenvolver a compreensão das dinâmicas que ocorrem nas áreas urbanas associada com a dinâmica social de um determinado lugar, o que favorece trabalhar com o cotidiano dos alunos, que passam a estimular as capacidades de leitura sobre mudanças no espaço geográfico. Os ambientes costeiros brasileiros sofrem constantemente grandes impactos devido ao uso excessivo do litoral a partir das formas de ocupações do território, como, por exemplo, no lazer, turismo e na economia local, dentre outros.

O estudo da metrópole articulado ao ensino de Geografia Física no caso, tendo como objeto de estudo a Baía de Guanabara - um ambiente costeiro no qual o município do Rio de Janeiro se urbanizou em volta deste lugar. Além disso, a população fluminense se concentra nessa área especificamente no entorno da Baía de Guanabara, esta área de mais antiga ocupação, que ocorreu de forma rápida e que ao longo do tempo desencadeou alguns problemas para este mesmo ambiente costeiro e para a cidade do Rio de Janeiro e seu entorno, como, por exemplo, os problemas ambientais tais como: a poluição do estuário da Guanabara, retificação dos rios e etc. Todo o processo de transformação ocorrido no que hoje se tornou a metrópole do Rio de Janeiro está associado desde a sua formação pretérita até ao seu desenvolvimento atual. Nota-se que:

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com a sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados etc.), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. (LEFEBVRE, 2001, p. 51)

Entretanto, o ensino acerca dos ambientes costeiros e da Geografia Física deve estimular o desenvolvimento cognitivo do aluno, fazendo com que ele possa observar, analisar e refletir a partir de um processo geomorfológico, etc. (AFONSO, 2009). Proporcionando assim, o conhecimento dos recorrentes processos costeiros. Dessa forma:

A aprendizagem dos aspectos relacionados a geologia/geomorfologia do ambiente costeiro de forma contextualizada e significativa, ainda na Educação Básica, permitirá o aluno/cidadão a construção da consciência sobre as ações de intervenção humana nesse ecossistema e suas consequências ambientais, sociais e econômicas. (NOVAIS, 2016, p. 92-93).

Neste caso, o objetivo deste trabalho é analisar a atividade intitulada: “A evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro pela Baía de Guanabara” realizada com os alunos do 7º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Lauro Corrêa e com os alunos do CIEP 439 Luiz

Gonzaga Júnior, (figura 1) ambos localizados no município de São Gonçalo. Com esta proposta buscou-se compreender o desenvolvimento da metrópole do Rio de Janeiro e dos municípios de seu entorno tendo como plano de fundo a Baía de Guanabara e dos elementos urbanos como fatores de desenvolvimento de atividades econômicas, sociais e ambientais que estão diretamente associadas com os portos, visto sua importância histórica, econômica e de transformação em suas proximidades. Portanto, as atividades portuárias que estão em operação desde a era colonial e, a cada século, se intensificam e se expandem para atender a demanda econômica local e, a partir disso, modificam a geomorfologia da baía, além de intensificar a sua poluição (PEREIRA et al, 2017).

Este texto é parte da bolsa de iniciação científica “Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo (2018-2020)”, na qual tem como um dos objetivos pensar atividades didáticas articuladas com a discussão sobre as cidades e parte do projeto de auxílio a pesquisa AQ1 “Leitura sobre as espacialidades das cidades e suas representações na sala de aula” (2016 -), financiado pela FAPERJ (2016-). Portanto, o objetivo do projeto de pesquisa está relacionado em desenvolver estudos acerca da educação geográfica com diferentes metodologias e correlacioná-las a compreensão do desenvolvimento da cidade e do urbano em São Gonçalo, sendo assim, destacando a relação dos estudantes com o seu espaço de vivência. Deste modo, a Geografia gera reflexões para o entendimento das mudanças ocorridas de formas gradativamente no espaço geográfico e no espaço de vivência dos estudantes.

LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS

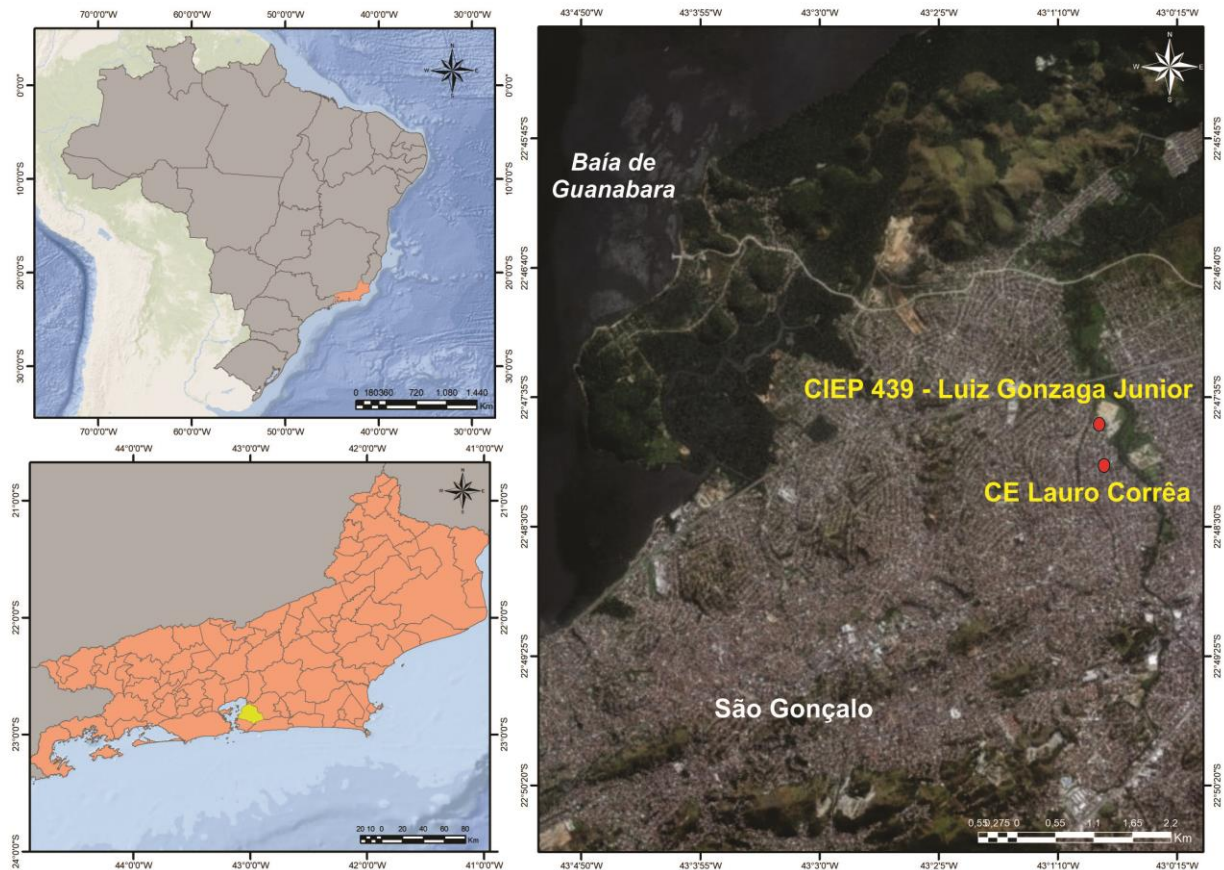


Figura 1: Localização das escolas Colégio Estadual Lauro Corrêa e do CIEP 439 - Luiz Gonzaga Júnior

Fonte: Jessyca Araújo, 2019.

2. A QUESTÃO URBANA SOBRE A BAÍA DE GUANABARA

Segundo Abreu (1997) o Rio de Janeiro foi e ainda é um modelo urbano, sua configuração histórica de organização do espaço, contribuiu para o acúmulo de atividades, fluxos e população nas áreas do que é hoje a região metropolitana, sendo, portanto capital do país de 1763 a 1960. Sendo assim, historicamente usos têm sido atribuídos às áreas banhadas pela Baía de Guanabara, incorporando-a em um cenário de crescimento urbano da cidade do Rio de Janeiro, além de ser também o meio pelo qual essa urbanização se sucedeu. Desta forma, faz-se necessário o entendimento sobre como se desenvolveu esse cenário urbano, e as suas contradições junto à geomorfologia da Baía, como evidência: “Um trabalho que vise analisar o

processo de evolução de qualquer cidade a partir de sua organização atual é, por definição, um estudo dinâmico de estrutura urbana.” (ABREU, 1997, p. 13).

Destarte, com a vinda dos povos europeus a partir de 1500 a Baía de Guanabara passou a ser palco da chegada e saída de navios, a exploração e comercialização de recursos naturais como o pau-brasil, marcou o início de uma colonização, com a construção dos fortes e fortalezas, devido a sua geomorfologia que proporcionava uma configuração de defesa aos navios inimigos que vinham do oceano Atlântico.

De fato, a ocupação humana no entorno da Baía precede a chegada dos europeus. Segundo Vargas (2008) os grupos historicamente identificados ocupavam áreas como mangues e lagunas, restingas, dunas, próximas às praias, sua relação com a Baía era de subsistência através dos recursos marinhos e, portanto, a relação entre homem e natureza era bastante equilibrada, portanto, os povos indígenas só retiravam da natureza o que era extremamente necessário.

A partir do século XVIII, a Baía de Guanabara começou a desempenhar um papel intenso na nova configuração de desenvolvimento do Brasil, através do crescimento da comercialização de ouro vindo de Minas Gerais, o Porto do Rio (atualmente a Praça XV) passou a exportar o ouro e outras especiarias para as grandes potências europeias e no século XIX, com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil e com isso, a elevação da Cidade do Rio de Janeiro a condição de sede do Reino de Portugal, o Porto do Rio demonstrou sua grande importância no desenvolvimento, ao longo dos anos, da metrópole do Rio de Janeiro.

Os usos e significações da Baía de Guanabara, como cita-se a mudança do Porto do Rio, anteriormente na Praça XV, e a resignificação desta praça, sendo aterrada, a partir da urbanização no século XX, para dar lugar a função de terminal das Barcas - responsável pelo fluxo diário atual de trabalhadores para a área do centro do Rio de Janeiro - e com isso, realocando o porto para a localização atual, que também passou por mudanças com a derrubada da perimetral e viabilização do projeto Porto Maravilha. Sendo assim, atualmente, esta área do Cais tem sua função histórica resignificada a uma função cultural e turística, modificando as relações ali estabelecidas, assim como a população que se apropria daquele espaço, não mais sendo um espaço de convívio de trabalhadores do porto, dando lugar ao convívio de turistas e do capital internacional, desta forma, há uma transformação socioespacial, e uma mudança na relação com a Baía de Guanabara. Sendo assim, como aborda Abreu (1997, p. 13):

[...] os padrões de distribuição espacial das classes sociais no Rio teriam sido altamente influenciados pelo Est ado através do tempo, tanto por suas ações como por suas

omissões. Essas políticas (ou não-políticas) seriam, por sua vez, bastante representativas dos momentos de organização social em que foram formuladas.

Outro elemento que caracteriza a cidade do Rio de Janeiro é a mudança na sua configuração espacial e territorial desde o seu desmembramento do território fluminense para cumprir a sua função como capital do país até tornar-se uma metrópole com a presença de um governo central, e exercendo a maior concentração econômica, populacional e de infraestrutura. A presença constante da metrópole desempenhou novas funções, novas reorganizações espaciais e como consequência diferentes representações das desigualdades econômicas e sociais do espaço.

O processo crescente da economia do Rio de Janeiro, desde a comercialização do ouro, do café e de outros produtos fora primeiramente realizado em terras fluminenses e posteriormente articulou-se com os avanços dos recursos e de novas funções exercidas na cidade. Contudo, possibilitou a ampliação da comercialização de produtos, das atividades petrolíferas e da expansão portuária, ambas ligadas aos setores financeiros.

Portanto, este desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, proporcionou novas formas de uso do território e ocupação do solo, privilegiando determinadas áreas e possibilitando uma nova reconfiguração do espaço a partir da inserção de novas tecnologias da informação e consequentemente o desenvolvimento da globalização e da economia. Essas áreas são resultantes de lugares estratégicos e que ao mesmo tempo possam facilitar abertura para mercados nacionais e internacionais atraindo assim capitais e empresas estrangeiras.

Nota-se, portanto, a intensa relação dos elementos naturais ao desenvolvimento atual da cidade do Rio de Janeiro. As transformações intensas modificaram a geomorfologia da Baía, a citar a retificação dos rios, a derrubada do morro do Castelo no século XX, e aterro em várias áreas da cidade, além da intensificação da poluição do “estuário” fluminense, o que prejudicou a pesca e também usos diversos no entorno da Baía, como os usos das praias, sendo, portanto uma contradição no processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro. Partindo do olhar do aluno para o ambiente estuarino, pode se desenvolver a importância que a Baía de Guanabara teve e ainda tem para nos processos de urbanização e para a economia da região metropolitana.

3. ENSINO DE GEOGRAFIA E CIDADE

Promover a articulação entre o ensino de geografia e cidade nos permite desenvolver o processo de aprendizagem sobre a dinâmica das cidades a partir da análise do espaço geográfico assim como seus usos e transformações. Conforme Cavalcanti (2006), o espaço geográfico é concebido e construído intelectualmente com um produto social e histórico que se constitui como ferramenta de análise da realidade em sua dimensão material e em sua representação.

Desta forma, visa-se compreender a estrutura da cidade e suas demais características físicas locais, que também influenciam na sua dinâmica, além disto, a proximidade dos alunos com a realidade urbana contribui para este olhar do entorno aprimorando assim, suas experiências espaciais. Como aborda Ramão (2011, p. 70): “Grande parte do conteúdo de cidade em Geografia é trabalhado a partir dos exemplos das grandes cidades – das metrópoles brasileiras, dos grandes centros urbanos do mundo, das chamadas cidades globais”.

A cidade é palco de diversas transformações, sociais, culturais, econômicas, de infraestrutura, e, a cidade do Rio de Janeiro se encaixa nesta dinâmica de transformações que ocorreram ao decorrer dos anos, sendo, portanto, hoje resultado dos diversos usos atribuídos a esta cidade, que modificaram a natureza, em uma relação de recurso, para um fim econômico.

Assim, pensar esta relação sociedade natureza é de extrema importância no entendimento do processo de urbanização, visto que através desse viés torna-se possível conhecer as contradições no processo de crescimento das cidades, juntamente com isso, o aluno, ao olhar para a cidade poderá compreender os processos históricos de transformações desta. “Para atingir os objetivos dessa educação, deve-se levar em consideração, portanto, o local, o lugar do aluno, mas visando propiciar a construção por esse aluno de um quadro de referências mais gerais que lhe permita fazer análises mais críticas desse lugar”. (CAVALCANTI, 2006, p. 43)

Todavia, o ensino a partir do conceito de cidade permite trabalhar de forma concisa os demais conceitos estruturantes presentes na Geografia, como o conceito de lugar, território e de paisagem e as suas relações com os indivíduos que ocupam e transformam este espaço. Para Sacramento (2017), a educação geográfica precisa estabelecer relações geográficas para fazer com que o aluno compreenda sua espacialidade nessas dimensões, partindo de alguns elementos necessários que estimulem sua capacidade cognitiva. Assim, o aluno poderá compreender, de forma contínua, as múltiplas relações sociais, econômicas históricas e geográficas, que estão em

constantes transformações. Dessa forma, a autora diz que “No ensino de geografia, estudar a cidade em sua multiplicidade é promover articulação dos conceitos e conteúdos didáticos com os fenômenos que estão espacializados na própria dinâmica da cidade” (p.105).

4. METODOLOGIA

O desenvolvimento dessa pesquisa se apoia na pesquisa qualitativa, pois a construção do conhecimento com os estudantes da escola básica se dá em como os a partir da forma como o professor constrói o conhecimento na sala de aula, buscando compreender como interpretam as suas experiências e o modo como estruturam o mundo social em que vivem (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Desta forma, para se pensar a evolução das cidades, tem-se a intenção de desenvolver os conceitos e conteúdos a partir da dimensão dos espaços referentes aos estudantes para que eles compreendam e analisem as formas de construção do conhecimento geográfico. Sendo assim, foram trabalhados conteúdos de geografia urbana, como desenvolvimento interno das cidades, associando aos conteúdos de geografia física como relevo e geomorfologia, a fim de trabalhar o conceito de espaço, e paisagem geográfica.

Assim, a atividade sobre a evolução urbana das cidades a partir da Baía de Guanabara foi desenvolvida nos 7º anos de duas escolas na periferia de São Gonçalo: C. E. Lauro Corrêa, localizado no bairro Trindade e CIEP 439 Luiz Gonzaga Junior, localizado no bairro Luiz Caçador. A atividade foi pensada para trabalhar os conteúdos de Brasil e sua urbanização - parte do Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro (2012) e, portanto, teve dois momentos: uma aula expositiva e confecção de maquete.

No primeiro momento foi realizada uma aula expositiva dialogada, na qual foi discutida como ocorreu a evolução das cidades a partir da Baía de Guanabara em 4 tempos histórico: Era pré-colonial, era colonial, década de 20 e atualmente, utilizando os tempos para explicar as várias atividades que ocorreram no entorno da Baía, desde o conhecimento dos povos nativos e uso não prejudicial ao ecossistema da Baía, até as recentes transformações e as consequências ambientais e geomorfológicas ao estuário que gerou transformações no espaço e na paisagem. Fotos foram utilizadas como recurso para leitura dos alunos sobre a temática e, a partir disso, gerar debates entre eles (figura 2 e 3).

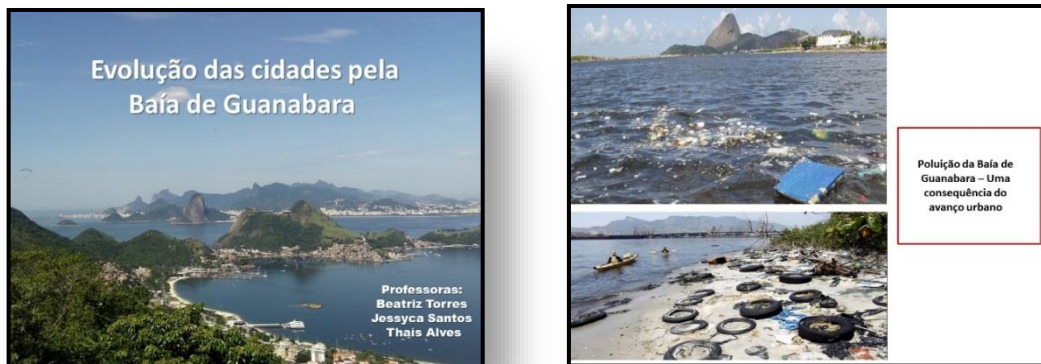


Figura 2 e 3: Fotos utilizadas na projeção usada durante a realização da atividade.

Fonte: Beatriz Torres, 2018.; Marcelo Carnaval / Agência O Globo, 2015; Marcelo Piu / Agência O Globo, 2014.

As imagens demonstram à mudança na paisagem pela transformação das relações no espaço foram atreladas as realidades dos alunos, foram trabalhadas localidades próximas da escola e também áreas de convivência dos alunos, como a Praça Carlos Gianelli no bairro de Alcântara no município de São Gonçalo (Bairro próximo às escolas) no século XX (figura 4), anteriormente conhecida como lugar de encontro devido a praça, que atualmente foi revitalizada e transformada no Pátio Alcântara, um centro de lojas, transformando assim as relações ali estabelecidas e por consequência a paisagem.

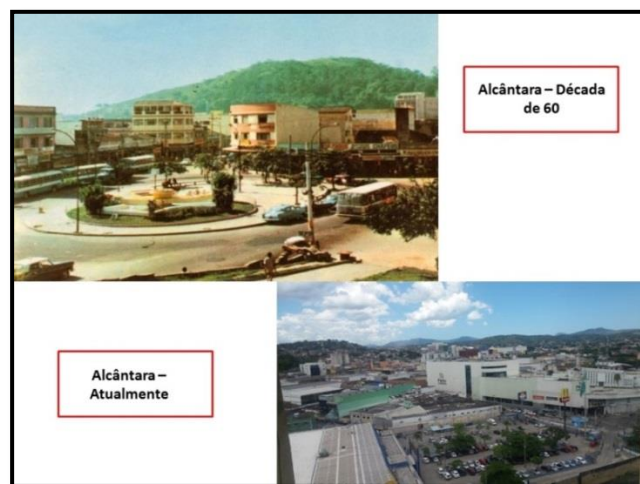


Figura 4: Slides utilizados na aula expositiva sobre a transformação do Bairro Alcântara

Fonte: Sim São Gonçalo, 2015; Infoaboutcompanies, 2019.

Outra imagem trabalhada foi da transformação ocorrida no centro do Rio de Janeiro com a revitalização da Praça Mauá, e a transformação daquela área em polo imobiliário e

cooperativo, anteriormente conhecida como Cais do porto (realocado da praça XV para essa área) (figuras 5 e 6) e como area de convivio entre trabalhadores do porto, além de ser local de passagem devido a construção do elevador da perimetral no século XX. Dessa forma desenvolveu-se um debate sobre as recentes tranformações no centro do Rio de Janeiro, e como algumas áreas se desenvolveram em um uso mais turistico, e cooperativo para um capital externo (figuras 7 e 8).



Figura 5,6,7,8: Fotos sobre antes e depois da Praça Mauá.

Fonte: Prefeitura do Rio, 2011; Prefeitura do Rio, 2016; Thaís Lino, 2018; Beatriz Torres, 2018; Thaís Lino, 2018

No segundo momento, foi realizada a confecção da maquete do entorno da Baía de Guanabara (figura 9 e 10), destacando as cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Foram explicadas, ao decorrer da montagem, as feições geomorfológicas da Baía, as atividades econômicas e de turismo.



Figura 9 e 10 : Confecção das maquetes pelos alunos

Fonte: Jessyca Araújo, 2019

Segundo Sacramento (2017, p. 99), “[...] cada momento torna-se importante a construção de diferentes propostas didático-metodológicas que permitam a articulação entre as ações dos professores e o desenvolvimento dos saberes escolares, necessários para a produção do conhecimento.” A confecção de maquetes no contexto desta atividade promove uma nova forma de abordar o estudo das cidades, associando a Geografia Física, a sociedade - natureza e as transformações que se desenvolveram através destas relações, desenvolvendo assim um olhar do aluno para o ambiente analisado a partir de novas formas metodológicas em que, por meio delas, também se garantem a construção do conhecimento através da prática. Dessa forma, segundo Oliveira; Malanski (2008, p. 182):

A maquete permite ao professor explorar diferentes conteúdos da Geografia Escolar, tanto de aspectos físicos (geomorfologia, hidrografia, geologia e outros) quanto humano (urbanização, cultura, economia etc.), ou inter-relacionar ambos os aspectos em diferentes escalas cartográficas e geográficas sobre o modelo.

A partir do momento em que os alunos estão confeccionando as maquetes é importante que seja construído com eles o entendimento das questões geográficas, sejam elas as morfologias do relevo, os conceitos geográficos e ou o papel da interação da sociedade com a natureza destacando as modificações de um espaço a partir de seu uso.

A maquete, portanto, possibilita diferentes formas de identificação que promove o desenvolvimento de alguns conteúdos de Geografia de forma didática e prática a partir de uma visualização diferenciada. Desta maneira, a ação direta dos alunos na confecção das maquetes associado ao auxílio no decorrer da atividade, promove uma compreensão maior do fenômeno geográfico estudado, sendo associados à realidade dos alunos através de debates sobre o conteúdo.

Destarte, a atividade foi elaborada a partir das maquetes visando a construção do espaço urbano do Rio de Janeiro ao longo do tempo, com ênfase no período atual, mostrando as diversas transformações e rugosidades que estão presentes nas cidades no entorno da Baía de Guanabara, levando o aluno a refletir sobre como isso impactou sob o espaço e, conseqüentemente, a sociedade.

A confecção da maquete contou com alguns passos anteriores a aula, a fim de levar todos os materiais já preparados para os alunos para então dinamizar a montagem e facilitar o debate. Dessa forma, primeiro, confeccionou-se um croqui evidenciando as áreas que seriam trabalhadas na maquete (Niterói e Rio de Janeiro), evidenciando os aterros e lagoas, posteriormente foi preparado todo material em EVA, ampliado e cortado nos moldes do croqui, deixando-os, portanto, pré-prontos, propiciando a montagem na sala de aula como um quebra cabeças. Em um terceiro momento cortou-se as áreas de aterros em EVA na cor vermelha, os prédios e a areia das praias, em cor bege, e a ponte Rio Niterói e os barcos em cor preta (figura 11). Com isso a atividade em sala de aula consistiu na associação dos alunos e junção de cada peça para construção da maquete, o que os levou a questionamentos, proporcionando debate e aprendizagem dinâmica.



Figura 11: Passo a passo da confecção da maquete (pré-atividade, durante e maquete finalizada).

Fonte: Thaís Lino, 2019; Beatriz Torres, 2019.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da realização das atividades observou-se melhor apropriação dos alunos em relação à Baía como uma unidade costeira, devido à proximidade com a sua realidade. Muitos conheciam a Baía de Guanabara, assim como, o centro do Rio, e pontos como a praça XV (antigo porto do Rio). Entretanto, houve dificuldade em entender a anterioridade de usos e funções adquiridas ao redor da Baía ao passar dos anos e atividades ali atribuídas, a maioria das vezes a dificuldade foi atrelada a percepção da mudança causada no espaço a partir da chegada dos europeus. Notou-se ainda uma tendência a ver o entorno da Baía como vazio, ou seja, sem povos antecedentes, com costumes e com sua forma de se relacionar com o entorno e mesmo com a Baía. Isso reforça a importância da associação do conteúdo com o local de vivência do aluno, pois, dessa forma, este poderá fazer conexões que ajudarão a entender a historicidade e importância local.

Dessa forma, o primeiro momento, no qual houve a apresentação de diversos usos e atividades que ocorrem atualmente, e que tem a Baía como plano de fundo, foi de grande importância, pois se pôde, por parte dos alunos, identificar atividades das quais usufruem em seu cotidiano, como atividades recreativas, econômicas, de mobilidade, segurança, entendendo a importância que essas atividades têm na configuração atual da Baía e do seu entorno.

Além disto, através da apresentação dos quatro momentos, separados metodologicamente, identificou-se como as mudanças no espaço foram geradas pelos diferentes usos e atividades, no decorrer dos anos, dessa forma, cada tempo e cada povo se utilizou do espaço, diferentemente, modificando-o segundo sua necessidade, como podemos observar na construção dos fortes, modificando a geomorfologia dos maciços e do seu entorno, e na remoção do morro do Castelo, no século XX, para construção dos aterros e o do centro da cidade do Rio de Janeiro.

Como afirma Santos (2001), o espaço geográfico é constituído por “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” e é imprescindível para o aluno entender como a sociedade ao se apropriar dos meios técnicos gerou transformações na cidade, ao ponto de modificar a geomorfologia, além de sua relação com a natureza, passando, portanto, a olhar a natureza como recurso.

Correlacionar o estudo da cidade do Rio de Janeiro ao ensino nos promove realizar o contato direto do aluno ao seu cotidiano e a sua relação com o mesmo trazendo para dentro de sala de aula experiências próprias do espaço vivido do aluno. Segundo, Sacramento (2017, p. 112):

ensinar a cidade possibilita a compreensão do espaço, suas imagens, suas linguagens e práticas socioespaciais. É trazer uma concepção da cidade nas práticas dos estudantes para construir reflexões sobre suas próprias relações com este espaço, com os conceitos não somente da Geografia, mas também da História ou da Política.

Sacramento (2012, p. 100) destaca que as diferentes linguagens sobre a cidade do Rio de Janeiro podem constituir uma forma de mediar o conhecimento dos alunos a fim de que aprendam com seu cotidiano. Ao abordarmos esta temática sobre a cidade, tornamos possível a realização em conjunto com os alunos o reconhecimento de seu próprio espaço, destacando a importância daquele lugar. Além disso, buscaram-se analisar as contradições presentes neste espaço, como as diferentes desigualdades sociais, econômicas, problemas urbanos e ambientais que foram recorrentes ao longo da história da cidade. Segundo, Siqueira (2017, p. 28):

A análise da cidade enquanto conteúdo nas aulas de geografia criam possibilidades de desenvolvimento de conceitos importantes para essa área de conhecimento que em seu conjunto proporciona uma compreensão espacial que seja capaz de auxiliar os alunos no desenvolvimento de suas leituras de mundo.

Contudo, a cidade do Rio de Janeiro nos possibilita realizar constantes articulações com os conceitos geográficos e ao mesmo tempo analisar as transformações que ocorrem neste espaço, em que permite elaborar uma prática educativa diferenciada e ao mesmo tempo destacarmos a presença do espaço vivido do aluno, e que por mais que não o contato diariamente com este ambiente, os mesmo relatam algumas experiências vividas quando em contato. Segundo Cavalcanti (2006, p. 48):

o aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor, também sujeito ativo no processo, tem o papel de mediar as relações do aluno com os objetos de conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se evidente a importância do estudo da metrópole articulado ao ensino de Geografia Física, facilitando assim, a compreensão das dinâmicas que ocorrem nas áreas urbanas com as dinâmicas sociais desse determinado lugar, o que modifica as relações espaciais e a paisagem, além de transformar também as dinâmicas geomorfológicas e ambientais.

Desenvolver as capacidades de leitura do espaço, pelos alunos e suas respectivas mudanças, perpassa pelo desafio de trabalhar o entorno deste aluno, de forma a mediar didaticamente o conhecimento deste em relação ao olhar crítico frente às transformações espaciais presentes no cotidiano destes alunos.

O ensino de cidade é importante nesta perspectiva devido à proximidade dos alunos com a realidade urbana, sendo assim, melhor a articulação com sua realidade. Estudar cidade é perpassar por suas diversas transformações e usos no decorrer dos anos, que modificam a natureza em uma relação de apropriação de recursos, e dessa forma transforma a paisagem, que, por conseguinte, passa pelo olhar crítico do aluno.

Por fim, o ensino de Geografia Física nos dá suporte na análise de evolução da cidade do Rio de Janeiro, evidenciando a inter-relação entre sociedade e Natureza no decorrer dos anos e os processos de transformação do meio natural e urbano. Torna-se claro a importância da integração dos conteúdos geográficos para um olhar crítico acerca do espaço.

6. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a FAPERJ pelos recursos concedidos para a realização desta pesquisa. Além também da UERJ e nosso campus, Faculdade de Formação de Professores por nos possibilitar tanto aprendizado e ao CIEP 439 – Luiz Gonzaga Júnior, e Colégio Estadual Lauro Corrêa assim como sua respectiva equipe: As diretoras Patrícia Barros e Patrícia, as coordenadoras Patrícia e Cídia, as professoras Jupiara Pereira e Aline Campos.

7. REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Iplanrio, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1997, s/p.

AFONSO, A.E.; ARMOND, N.B. **Reflexões sobre o ensino de Geografia Física no Ensino Fundamental e Médio**. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, Porto Alegre, 2009, s/p.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994. 336p



CAVALCANTI, L (Org). Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: **Formação do professor: concepções e práticas no campo da Geografia**. Goiânia: Vieira, 2006, p. 39-62

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Editora Centauro. São Paulo, 2001.

NOVAIS, M.P.S. A geologia/geomorfologia costeira nos livros didáticos de Geografia: por uma prática pedagógica contextualizada. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 20, n.1, 2016, p. 84 – 94.

OLIVEIRA, B. R. de, et al., O uso da maquete no ensino de geografia. **Extensão em Foco**, Curitiba- Editora da UFPR, n. 2, p. 181-189, jul./dez. 2008.

PEREIRA, O. N. A; RODRIGUES, M. A. C; PEREIRA, S.D; VILLENA, H. H. O Homem e o Litoral: Percepções e Transformações no Estado do Rio de Janeiro. In: PEREIRA, S. D, et. al. (org). **O Homem e o Litoral: Transformações na paisagem ao longo do tempo**. Rio de Janeiro: Editora, 2017, p.85-11.

RAMÃO, F. de S. Ensino de Geografia e cidade: Construindo uma “cidade ideal” com o conhecimento dos alunos. **Tamoios**. Ano VII. Nº 2, 2011, p.70-78.

SACRAMENTO, A C. R. O estudo da cidade e do cidadão: a classe como intervenção didática para ensinar geografia. **Revista Geográfica de América Central**. nº 58, enero-junio, p. 101–123, 2017. Disponível em:

<<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/9371/11110>> Acesso em: 20 de junho de 2019.

SACRAMENTO, A. C. R. Diferentes Linguagens na Educação Geográfica da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Continentes**, [S.l.], n. 1, p. 97-118, jul. 2017.

Disponível em:

<<http://www.revistacontinentes.com.br/continentes/index.php/continentes/article/view/9>>.

Acesso em: 20 jun. 2019.

SIQUEIRA, S. A de. O Plano de ensino e a construção de conceitos na geografia escolar. **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**. Florianópolis, v. 1, n. 1, maio 2017, p.16-32

VARGAS, L. Baía de Guanabara: A origem de um belo e conturbado cartão postal do Rio de Janeiro, e um desafio para a Educação Ambiental. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** n. 1517-1256, v. 21, julho a dezembro de 2008, p. 93-108.